

**PROMOÇÃO DA INCLUSÃO POR MEIO DO ENSINO DE LIBRAS PARA ALUNOS
OUVINTES DO SEXTO ANO DA E.E. JOSÉ VIRANDA**

Ana Luíza Murça Marianno¹; Cinthia Gabriele Eufrosina Meira¹; Milena Meireles
Pintor¹; Patrícia Viana Belam².

¹Graduandas do curso de Letras - Português/Inglês do Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado) – Bauru/SP - ana.murca@hotmail.com; cynthia.meira91@gmail.com; meirelesmln@gmail.com

²Professora Doutora do Centro de Humanas do Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado) – Bauru/SP - graduada em Tradução pela Universidade do Sagrado Coração (USC, atual Unisagrado); Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Doutora em Fonoaudiologia pela Universidade de São Paulo (FOB-USP) - patricia.belam@gmail.com

RESUMO

O presente resumo visa expor as experiências desenvolvidas durante a imersão no subprojeto de Língua Portuguesa no programa Residência Pedagógica, do Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado), de 2018 a 2019, desenvolvido por estudantes residentes de Letras Português/Inglês com alunos do sexto ano da Escola Estadual José Viranda. O conteúdo trabalhado girou em torno da temática inclusiva, mais especificamente da Língua Brasileira de Sinais, abordando tanto ensino da língua em si quanto a contextualização do sujeito surdo e desmistificação dos preconceitos linguísticos em torno da Língua Brasileira de Sinais. O trabalho com Libras ocorreu tanto no primeiro semestre de 2018 quanto no segundo de 2019. No primeiro semestre de 2019 os conteúdos abordados se voltaram para o gênero textual conto, atendendo à demanda dos estudantes que apresentavam dificuldades expressivas com os conteúdos de Língua Portuguesa e a proposta pedagógica prevista pela escola. Além do relato das experiências, é realizada uma reflexão crítica acerca da atuação das alunas residentes no projeto, em um contexto multidimensional.

Palavras-chave: Residência Pedagógica. Subprojeto de Língua Portuguesa. Libras. Comunicação. Inclusão.

INTRODUÇÃO

O trabalho de docência, realizado por meio do programa Residência Pedagógica, vem sendo desenvolvido, até o presente momento, na Escola Estadual José Viranda, com turmas dos sextos anos de cada semestre. A atuação se dá sempre em conjunto entre as três estudantes, autoras deste relato, que cursam atualmente o 8º semestre do curso de Letras Português/Inglês, no Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado). Objetivando uma formação pautada na inclusão e valorização das diferenças, o tema das aulas se voltaram, em dois semestres, para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em que um deles foi destinado ao ensino do gênero textual conto, dentre outros conteúdos de Língua Portuguesa, em atendimento a uma demanda observada entre os alunos, que apresentavam dificuldades expressivas em relação a estes conteúdos, que eram paralelamente trabalhados nas outras aulas de LP da semana. O enfoque maior, porém, ao se pensar em ampla perspectiva e

considerando o período de dois anos de atuação no programa, recai sobre a proposta pedagógica de ensino inclusivo.

O Residência Pedagógica é um recente projeto da Capes e teve início com a primeira reunião semanal do subprojeto de Língua Portuguesa em agosto de 2018, orientado pelas professoras coordenadoras do subprojeto – Patrícia Viana Belam e Ana Paula Dias, e a atuação na escola teve início com a ambientação dos alunos residentes nas dependências da escola. Os encerramentos das atividades foram realizados a cada semestre, representando três ciclos distintos.

No primeiro ciclo, de agosto a dezembro de 2018, as alunas residentes atuaram junto à turma do 6º ano C, introduzindo a temática da inclusão da pessoa com deficiência na escola e na sociedade, abrindo assim, espaço para discutir o sujeito surdo e a língua de sinais, procedendo em seguida com uma introdução às Libras. Ao longo das aulas, foram abordados diversos campos semânticos contextualizados com diálogos referente às rotinas do dia a dia, além de jogos lúdicos para fixação dos conteúdos aprendidos.

O segundo ciclo, correspondente ao primeiro semestre de 2019, teve início com duas turmas, o 6º ano B e C, com aulas às quartas, sendo uma aula em cada turma. A proposta de atuação pedagógica com as novas turmas seria de repetir a experiência realizada no semestre anterior, porém, ampliada para um prazo maior, de um ano, contemplando o período letivo de 2019. Com isso, as possibilidades de aprofundamento e aplicação de novas metodologias ativas seriam mais significativas, enriquecendo o trabalho desenvolvido em 2018. Porém, nas reuniões realizadas entre as alunas residentes e a professora preceptora da escola, a docente externou preocupação com as dificuldades dos alunos de ambas as turmas em relação aos conteúdos de Língua Portuguesa que deveriam dominar para dar continuidade aos conteúdos curriculares previstos para o sexto ano. Essas preocupações, especialmente diante de avaliações externas previstas para ocorrer no semestre seguinte, levaram a professora a sugerir uma mudança na proposta pedagógica original das residentes, portanto os conteúdos abordados na disciplina de Língua Portuguesa foram o gênero textual Conto, contextualizado com temas contemporâneos, como o bullying.

No terceiro e último ciclo, compreendendo o segundo semestre de 2019, foi retomada a proposta inicial do ensino de Língua Brasileira de Sinais, para os alunos dos sextos anos B e C. A exemplo da sequência inicial do primeiro ciclo, foi feita uma introdução em relação ao respeito, à diversidade e à inclusão da pessoa com deficiência, tanto na escola quanto na sociedade, posteriormente discutindo a surdez e Língua de Sinais. Diferentemente do outro período, as aulas tiveram que ser reformuladas em razão do menor tempo de aula por dia: pelo trabalho ter sido estendido a duas turmas, o tempo de aula passou a ser de 50 minutos para cada, enquanto em 2018 eram duas aulas para uma turma apenas. Apesar das necessárias modificações, a progressão da aprendizagem se deu de forma similar à primeira turma.

Em consonância com a proposta do programa Residência Pedagógica, que visa ao aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica (CAPES, 2018), a atuação das alunas residentes na regência e imersão nas atividades desenvolvidas na escola se revelaram primordiais para o crescimento e formação constituídos. A experiência foi exponencialmente agregadora para a bagagem profissional da licenciatura, aproximando o estudante da realidade escolar.

METODOLOGIA

Expositivas, dialogadas e práticas, as aulas contaram também com atividades de sinalização em duplas e grupos, além de produção de materiais com utilização dos sinais aprendidos (livro estilo Sinalário de Libras, com sinais de ambientes e materiais escolares e cartazes com o alfabeto datilológico); desenvolvimento de jogos lúdicos para fixação dos sinais aprendidos; questionamentos orais, práticos e escritos para diagnóstico da aprendizagem. Aulas realizadas na sala de vídeo da escola-campo, bem como na sala de informática para desenvolvimento de atividades virtuais - jogos online de Libras.

De 2018 a 2019, três turmas de 6º ano da escola foram atendidas: o 6º ano C, de 2018 e os 6º anos B e C, de 2019. A primeira turma (2018) era composta por um total de 33 alunos entre 11 e 15 anos, com aulas ministradas às segunda-feiras, das 16h20min às 18h00min. As residentes chegavam antes, às 15h30, para preparação da sala e dos materiais que seriam utilizados na aula em questão. Às sextas-feiras, uma aula era destinada a trabalhos de reforço, tanto dos conteúdos de Libras quanto de Língua Portuguesa, em conformidade com as propostas do subprojeto de Língua Portuguesa. No ano letivo de 2019, com as turmas dos 6º B e 6º C, as aulas foram ministradas de quarta-feira, das 15h30 às 17h30, sendo uma aula de 50 minutos por turma. Os 20 minutos restantes ao final eram destinados a uma discussão entre as residentes e a Preceptora, para troca de feedback e planejamento da aula seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mais do que por seu caráter inclusivo, a escolha de se trabalhar com Libras é antes por seu aspecto cultural e linguístico, em um movimento de valorização do diferente. Segundo Gesser (apud PADDEN & HUMPHRIES, 1988), a surdez como deficiência pertence a uma narrativa assimétrica de poder e saber; uma “invenção/produção” do grupo hegemônico que, em termos sociais, históricos e políticos, nada tem a ver com a forma como o grupo se vê ou se representa: quando os surdos discutem sua surdez, eles usam termos profundamente relacionados com a sua língua, seu passado e sua comunidade. Isso se mostra especialmente relevante levando em conta que de acordo com o último Censo Escolar, de 2016, registra-se que o Brasil possui na educação básica 21.987 estudantes surdos, 32.121 com deficiência auditiva e 328 alunos com surdocegueira (MEC, 2017). Em um contexto mais amplo, e de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), havia no Brasil, 9,7 milhões de Surdos/ Deficientes Auditivos, d), número este que vem aumentando exponencialmente. Temos, portanto, mais de 5% da população brasileira com algum grau de surdez, as quais necessitam de propostas inclusivas tanto na educação quanto nos outros segmentos da sociedade.

Com esses dados em mente e aliados à vivência de uma das autoras, que é surda, as aulas foram pensadas por uma perspectiva inclusiva, aliada à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por seu caráter linguístico, a título de aprendizagem de uma nova língua. Com atuações similares no primeiro e terceiro semestre, os conteúdos abordados no ensino de Libras seguiram a seguinte estrutura:

1. Inclusão: deficiências e diversidade
2. O sujeito surdo e a Língua Brasileira de Sinais - Libras

3. Introdução às Libras: alfabeto datilológico, números e saudações
4. Campos semânticos: família e adjetivos
5. Verbos em Libras
6. Socialização da aprendizagem e reflexões

Ao abordar o primeiro conteúdo, relativo à inclusão, fora feita uma sondagem com as turmas, apurando o conhecimento prévio que já possuíam sobre os temas, passeando pelas deficiências, pela diversidade e, por fim, pela surdez, questionando o que já conheciam sobre o tema e se conheciam algum surdo/DA. Para contextualização do tema, foi exibido um curta-metragem na sala de vídeo, sobre a inclusão de uma aluna surda na escola. A segunda aula (tanto no primeiro quanto no terceiro semestre), voltou-se para a compreensão do sujeito surdo, com a participação ativa dos alunos, que em geral apresentavam alguns conhecimentos prévios. Em um segundo momento, com auxílio do projetor de slides, foi mostrado o alfabeto datilológico, os números (cardinais, quantitativos e ordinais), conceitos que foram retomados na aula seguinte. Além da retomada do alfabeto e numerais, foram introduzidas as saudações e, posteriormente, atividade de conversação básica, contextualizada com cenas cotidianas do aluno. Ao longo das aulas, novos sinais eram naturalmente adicionados ao léxico inicial da turma, que perguntava para montar a atividade de conversação.

Na aula seguinte foram introduzidos os conceitos/sinais de família e adjetivos, diluídos em curtos diálogos em duplas e grupos, relativos a cada um dos novos campos semânticos aprendidos. Ao final da aula, para fechamento e reflexão, foi mostrado um vídeo de uma criança surda, desmistificando alguns preconceitos que permeiam o surdo e a Língua de Sinais.

Imagem 1: Alunos do 6º C (2018), e ao fundo, uma atividade com o alfabeto em Libras.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2018).

Na sequência, houve o ensino dos principais verbos em Libras, apontando suas características distintivas em relação às línguas orais, especialmente o português. A aprendizagem dos verbos e suas flexões ou não-flexões foram exemplificadas a partir da

demonstração de exemplos extraídos dos contextos sociais em que os alunos se inserem: escola, supermercado, família, etc. Posteriormente foi proposto que ilustrassem uma cena cotidiana com uso dos novos sinais aprendidos. No primeiro semestre, o ensino dos verbos de deu com o uso do projetor de slides, mostrando uma imagem que indicasse cada verbo, e sua demonstração. No terceiro semestre, o ensino deste conteúdo se deu a partir de papeizinhos com o nome da letra e um verbo (somando-se 120 verbos, um em cada papel). Em um círculo, cada aluno sorteou um papel e, em uma chamada oral das letras em ordem alfabética, os alunos que sortearam verbos com a letra correspondente davam um passo à frente e o soletrava em Libras. O sinal de cada verbo era demonstrado em seguida pelas residentes e repetido pelos alunos, com alguns exemplos de frase para ilustrar.

Imagem 2: verbos em Libras: atividade lúdica.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2019).

A etapa final de cada ciclo, compreendida pela socialização da aprendizagem e reflexão conjunta foi aplicada de forma distinta em 2018 e 2019: no primeiro caso, foi entregue aos alunos um questionário individual com seis questões, abordando as percepções que tiveram com as aulas, bem como questões pontuais relativas ao sujeito surdo e a Língua Brasileira de Sinais. As respostas revelaram que com algumas exceções, todos os conceitos desenvolvidos em aula foram bem assimilados. No último ciclo, ou segundo semestre de 2019, essa etapa se deu por um questionamento verbal, promovendo uma discussão conjunta com cada turma, questionando o que aprenderam ao longo das aulas, suas expectativas futuras de aprendizagem e ideias para promover a inclusão de alunos surdos na escola, bem como colegas com outras deficiências e dificuldades. A participação de todos foi muito positiva, enriquecendo o diálogo inicial.

CONCLUSÃO

Ao longo dos dezoito meses do projeto tivemos a oportunidade de trabalhar com turmas diferentes, notamos que inicialmente todas apresentavam certo receio em relação à proposta da Língua Brasileira de Sinais e poucos alunos possuíam algum conhecimento prévio

em relação ao tema, despertando a curiosidade e interesse dos mesmos por ser uma Língua nova e diferente de tudo o que haviam desenvolvido até então na escola. Ao final de cada semestre, por meio de questionários, atividades e discussões, ficou claro o processo de conscientização que ocorreu gradativamente ao longo das aulas em relação à importância da aprendizagem da Língua de Sinais, à inclusão do surdo na escola e em outros ambientes, e os mitos existentes em relação ao Surdo e às Libras. A aprendizagem dos sinais básicos de conversação e dos vários campos semânticos foram efetivamente assimilados. Porém, assim como toda aprendizagem de línguas, o domínio requer prática e aprendizagem contínuos, para que não caia no esquecimento. Ao longo do desenvolvimento das aulas, foi observado entre os alunos um grande comprometimento e envolvimento com o tema, rapidez na compreensão dos sinais e desenvolvimento autônomo na formação de novos enunciados, favorecidos pela modalidade espaço-visual da língua que, por utilizar com frequência sinais icônicos torna mais fácil a compreensão dos sinais. Tal reação pode ser explicada pela abordagem lúdica dos conteúdos, além da utilização de diferentes recursos e metodologias, como exposição de slides, jogos lúdicos, vídeos, colagens e produções manuais, diálogos e uso da sala de informática.

Durante o primeiro semestre de 2019 foi necessário, em relação às necessidades da proposta pedagógica da instituição para a turma do 6º ano, abordarmos e desenvolvermos atividades sobre o gênero textual conto. Desta forma, as aulas foram direcionadas ao desenvolvimento de conteúdos de Língua Portuguesa, mais especificamente, envolvendo habilidades de leitura, escrita, interpretação textual, classificação de textos e conhecimentos gramaticais. Tais conhecimentos foram desenvolvidos por meio de aulas em diferentes ambientes da escola, com a realização de atividades e exercícios diversificados, valorizando a autonomia criativa do aluno. O encerramento deste ciclo, que ocorreu no primeiro semestre de 2019, deu-se com a confecção e ilustração de contos em grupos, produto final que foi exposto para a escola em cartazes personalizados colados no pátio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEC. **Ensino de Libras é recurso que garante a educação inclusiva**. MEC - Ministério da Educação, Pessoas com surdez, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/56981-ensino-de-libras-e-recurso-que-garante-a-educacao-inclusiva>>. Acesso em 21 nov. 2018.

BNCC. **O Ensino Fundamental no contexto da Educação Básica**. Base Nacional Comum Curricular – Ministério da Educação. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>. Acesso em 21 nov. 2018.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 21. nov. 2018.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**.

Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11788.htm. Acesso em 21 nov. 2018.

AGRADECIMENTOS

Deixamos aqui nossa gratidão pelo apoio da Capes, que nos permitiu a realização deste projeto, às professoras orientadoras da instituição Unisagrado, aos demais residentes do projeto, bem como à escola-campo José Viranda, que acolheu nossos projetos e ideias de braços abertos e, sobretudo, agradecemos aos nossos alunos pela excelente recepção e disposição em aprender.